

TESTAMENTO ^{1 2}

PROF. JOAQUÍN HERRERA FLORES
Doutor em Direito – Universidade de Sevilha

1. Nasci débil. Assim começa Santos o seu testamento. O testemunho de sua vontade. Palavras que tentam explicar como se foi formando seu caráter, suas idéias e o objetivo que pretende conseguir depois que sua vontade acabe desvanecendo-se entre anestésias fictícias e reais. Foi um menino e um adolescente débil e contemplativo. Suas primeiras recordações se reduzem a uma cadeira de balanço situada em um lado do salão da casa de seus pais. O menino e, mais adiante, o adolescente, passava horas balançando enquanto escutava ininterruptamente os programas que se punham no rádio. Músicas da moda, canções publicitárias (... *aquel negrito del África tropical ... es el colacao desayuno y merienda...*), notícias otimistas sobre a marcha da nação, ocultamento sistemático do que o menino via quando ia até o colégio: grupos de jovens que, sem ele saber como faziam, acabavam unindo-se, levantavam um cartaz e pediam liberdade. *Liberdade?* Dizia meditabunda sua avó, terminando sempre da mesma maneira: *Estes não viveram uma guerra ... Agora vivemos em paz ... 25 anos de paz!* Podia ler-se em letreiros distribuídos pelas estradas. *E já verás como teu pai com todas essas confusões em que se mete*

¹ Tradução livre do original em espanhol pelo Procurador de Justiça Jacson Rafael Capomizzi em homenagem ao Prof. Joaquín Herrera Flores. Disponível no DVD encartado nesta Revista De Jure nº 14.

² **NOTA EXPLICATIVA DO TRADUTOR:** O testamento do Prof. Joaquín Herrera Flores, o qual traduzi e que consta na *Seção Diálogo Multidisciplinar* desta *De Jure* nº 14, trata-se de um pequeno texto autobiográfico, escrito pouco antes de sua morte, predizendo-a. Amigo e parceiro do Ministério Público de Minas Gerais, Joaquín deixou no seu testamento as razões e motivos pelos quais criou o programa de pós-graduação em direitos humanos, desenvolvimento e interculturalidade, na Universidade Pablo de Olavide, em Sevilla, Espanha. Anotamos que esse “espaço intelectual de resistência à opressão”, está ligado também ao nosso MP por meio da constante presença de colegas, estudiosos, fundamentalmente, dos meios de realização dos direitos sociais fundamentais.

Jacson Rafael Capomizzi
Procurador de Justiça

nos vai provocar algum problema. Eram anos difíceis para o menino. Seus doze anos não eram suficientes para compreender e muito menos para participar. Tinha muitos problemas que enfrentar para ficar indene nesse quadrado cruel em que se convertem os pátios dos colégios na hora dos recreios. Sobretudo para meninos franzinos, com dificuldades para o esporte e para vencer as inevitáveis lutas juvenis. Muitos anos depois começou a inteirar-se de que, em finais dos anos sessenta, em todo o mundo, as pessoas se rebelavam de um modo realista “pedindo o impossível”. O impossível era ser realista? Não era melhor ser um idealista? Desses que afinal, como sucedia nas séries da incipiente televisão, terminavam colocando bombas e matando inocentes? Ana, a mulher que cuidava da casa e, certamente, de todos, sentava-se a seu lado e quase sempre terminava chorando por algum final infeliz daqueles novelões radiofônicos que tanto agradavam ao público dos anos sessenta na Espanha oprimida pela ditadura e por sua religião oficial: o odioso catolicismo. *Reza menino, reza.* Cominava-lhe a avó cada vez que tinha uma oportunidade para fazê-lo. *E, se passas pela capela da virgem de Carmem, tens que persignar-te. Se não o fazes, quem sabe o que pode passar-te!* Os pesadelos do menino eram recorrentes: não fazia o sinal da cruz e nesse preciso instante todas as desgraças do mundo caíam não só sobre ele, senão sobre toda sua família. Para ir ao maldito colégio de padres maristas no qual o haviam matriculado, devia sair cedo de sua casa. Quase sempre subia distraído a rua San Jacinto. Sempre pela calçada onde estava a fábrica que fazia soar sua sirene todas as três da tarde. O menino sabia que, se seguisse por aí, poderia vislumbrar as sombras ameaçadoras da delegacia de polícia e o brilho saboroso dos doces de Filella, que ainda hoje lhe parece poder saborear. Todas as manhãs o menino subia a rua do santo, sabendo de antemão que teria que chegar ao altiplano, a essa praça meio derramada até o rio e que contradizia em toda sua plenitude o nome pelo qual as pessoas a chamavam. Deixando a sua esquerda o mercado popular onde trabalhavam alguns de seus tios e primos, chegava o fatídico momento. Não havia modo de esquivar a capela da virgem, a qual nunca viu por inteira, pois se escondia atrás de uns barrotes que sempre inquietaram o menino por sua espessura e sua negrura. Uma vez ali, havia de fazer o sinal da cruz se o sujeito não queria que o raio da maldição caísse sobre ele. Havia vezes em que o menino se detinha com a desculpa de amarrar os cordões dos sapatos e desse modo observar como havia pessoas idosas que passavam por ali sem persignar-se. Que horror! Que poderia suceder-lhes ao longo do dia? Pelas noites, depois de agüentar o péssimo e aborrecido ensino daqueles asquerosos padres, haver ouvido o rádio e haver agüentado o silêncio, vigiado pelos olhos bondosos da avó, os insultos a meia-voz que seu pai sempre dirigia ao ditador e a

toda sua camarilha, havia de deitar-se e começar a sofrer o medo que lhe produzia a virgem, imagem vingativa sempre disposta a castigar quem não a saudava ou mostrava sua submissão. *Reza, menino, reza*. E assim fazia o menino até que, com o medo nos lábios, lograva dormir.

2. O menino se sentia débil. Nunca havia tido as forças necessárias nem sequer para fazer algum atrevimento. Quando mais tarde fez alguns, sempre foram estupidezes provocadas por sensações de privação. Que fácil haveria sido delinquir! O menino retraído em si mesmo nunca ia pelo centro dos passeios. Gostava de caminhar juntinho das paredes para não chamar a atenção daqueles rapazolas que por certo roubavam, fumavam e não faziam o sinal da cruz. O menino começou a ler rápido. Quase sem professores já conseguia unir sílabas. Sua mãe sempre lhe assinalava os letrados das lojas e ele ia compreendendo o que eram as palavras. Sua fragilidade e os problemas derivados dela o conduziram às palavras. Aos livros de Júlio Verne, de Walter Scott, dos três (ou eram quatro?) mosqueteiros. Lia tudo o que caía em suas mãos. Inclusive dedicou todo um verão a sorver-se sem compreender demasiado as obras completas de John Steinbeck. *O Pony Colorado, A Leste do Éden, Vinhas da Ira ...* Com este último livro começou a soprar em seu coração aturdido uma espécie de desejo de vingança, de converter-se em um zorro ou um *coyote* para cortar o pescoço de todos aqueles proprietários de terras que provocavam tanto sofrimento às gentes pobres. Uma vez superados os pesadelos provocados pela virgem do altiplano (um dia havia passado distraído diante dela e nada lhe ocorreu!! que não fosse sofrimento cotidiano de ser um infante solitário e cada vez mais avergonhado de sua natureza física), os sonhos se dirigiram às desgraças e aos erros em que caíam uma ou outra vez os filhos do capitão Grant ou os polvos que atacavam o *Nautilus*... E sempre era ele o Ivanhoé que se lançava a toda velocidade em seu cavalo para salvar seus heróis e converter-se ele mesmo em um herói aclamado por todos. Admirava Robin Hood como unicamente um menino pode admirar o vassalo de um grande rei que num momento ou outro vá aparecer na novela. E, sempre com alguma distância, identificava-se com Raskolnikov e suas dúvidas justo antes de entrar no quarto da velha e partir-lhe a cabeça em duas. Como era possível que Sônia o seguisse amando depois do crime? Que queria aquele promotor que o interrogava? Ao fim e ao cabo, Raskolnikov não era mais que um pobre desgraçado que não tinha meios para desenvolver-se na vida. Então, porque merda ele se arrepende de haver matado a usureira? *Crime e Castigo* foi lido pelo menino dezenas e dezenas de vezes. E sempre o emocionavam aquelas descrições da pobreza russa, centrada na mente nublada do menino em uma palavra incompreensível que se repetia uma e

outra vez: o samovar. Animal doméstico? Espécie de chaminé? Algo para esquentar a cama...? Raskolnikov teve o valor de realizar a vingança... Então por que tanto arrependimento? Fez o que tinha que fazer. Aquele que acumule as riquezas que pertencem a todos tem que sofrer um castigo. Não teu castigo, raskolnikovinho, senão o castigo dos que nos fazem sofrer de privações. O menino voava uma e outra vez sobre essa convicção e nunca compreendeu os devaneios morais de seu matador de velhas usureiras. O mesmo ocorria-lhe com Tommy Joad de *Vinhas da Ira*. Nem Tommy, recém-saído do cárcere, nem o antigo pregador nem o “fantasma dos campos” (antigo proprietário igualmente despejado) compreendem bem o que ocorre. O menino nunca pôde esquecer aquela conversa em que comunicaram ao camponês que ele teria que abandonar a terra na qual sua família havia vivido durante mais de cinquenta anos e perguntava ao que trazia a ordem de despejo quem era o culpado de tudo aquilo ... ninguém sabia quem era ... nem o executivo da empresa ... nem o gerente do banco ... nem ninguém parecia ser culpado ... só o vento ... maldito vento que havia convertido os campos em puro pó. O fantasma e o pregador atiram a culpa ao vento, enquanto Tommy parece duvidar e resiste a esconder-se quando ligeiro chegam os agora donos do que foi sua terra buscando os seus amigos. Tommy havia passado quatro anos na prisão por um homicídio cometido durante uma briga em uma festa. Não tem muita pressa em encontrar a sua família: acredita saber que tudo seguirá da mesma maneira. É emocionante ver o personagem embutido nas formas pausadas e quase aéreas de Henry Fonda. No momento de esconder-se para que não o vejam os homens armados que chegam a “sua casa”, pergunta-se como é possível que tenha que fugir de sua própria história familiar. Ninguém compreende nada. Só o vento e a seca e alguma nuvem negra deviam ser os culpados de tudo aquilo. É possível imaginar os camponeses pobres de todo o mundo perguntando-se o mesmo quando chegam as grandes companhias agroquímicas e os vão retirando de suas terras. Que vinho pode surgir dessas uvas que alimentam a ira e o desejo de vingança! Nosso menino lia tudo aquilo quase com lágrimas nos olhos. *Por quê? Por quê?...* Que têm feito os pobres camponeses para que lhes tirem suas casas e os lancem à emigração...? E todos se vão à Califórnia e vão morrendo pelo caminho e vão passando fome, e Tommy vai compreendendo a necessidade de organizar-se contra os patrões. Pouco a pouco (apesar do próprio Steinbeck?), vai surgindo a consciência de classe e como não! da solidariedade de ser pobre, do que as pessoas podem fazer sem ter que levar algo no estômago ... *Mas por quê?* Com só um pouco de imaginação, as *vinhas da ira* de Steinbeck nos podiam servir para compreender o horror que vivem essas pessoas que se lançam ao mar para chegar à Califórnia européia. Pessoas que vivem alucinadas

com a riqueza do mundo desenvolvido econômica e culturalmente. Pessoas que seguem jogando a culpa ao vento e seguem convertendo-se em fantasmas que cruzam desertos, fronteiras e mares para chegar à dor e à escravidão. Europa: o euro, o futebol, as oportunidades, os executivos de gravata! Europa, o bolso vazio, o futebol, a falta de oportunidades, o que trabalha a terra entre plásticos e mal vive, sem muitas possibilidades para chegar a ter uma gravata...! Europa! A velha e rica Europa! O continente das liberdades e das possibilidades! Então...? Quem sabe! O caso é que, se agora ninguém compreende e se ninguém compreendia o que ocorria em 1939 em Oklahoma, como podia entender aquele menino debilitado por um corpo enfermo e dominado pela magia das palavras o sentido do livro de Steinbeck? Mas o lia e o lia e o lia e outra vez sua mente voava para ajudar aquela gente, justo antes, sempre justo antes de dormir.

3. O menino cresceu desmesuradamente. Com todas suas dificuldades, logrou superar o ensino primário e secundário. Não sabia o que fazer. Só havia tido uma namorada, loura, angelical, de olhos como lagoas celestiais, que o havia deixado plantado no meio da calçada. Todos seus amigos começavam já a planejar seus estudos superiores, mas algo fervia na cabeça daquele adolescente bêbado de *vinhas da ira*. Uns iam para as belas artes, outras para as humanidades, outros para as contabilidades e ele não sabia que fazer e por onde dirigir seus tímidos e cambaleantes passos. Quase sem querer começou a freqüentar ambientes mais perversos que aqueles que compartia com seus fornidos e bem alimentados amigos. Bares noturnos “só para loucos”. Lobos das estepes em meio de um bairro mesquinho em beleza e urbanismo. Cães vadios que passavam horas e horas apoiados nas esquinas juntando algum dinheiro para poder comprar pequeninos gramas de açúcar moreno, de chuva púrpura, de *Lucy in the sky with diamonds*... vamos... pitadas de cavalos onde cavalgam ginetes da tormenta. Anos de chumbo que passaram sem sair dos invisíveis muros dos despejos do bairro. Anos sem projetos. Anos de droga. Droga durante anos, ou durante meses, ou quem pode contar o tempo que o sujeito passa drogado! Época perigosa na qual a tentação de roubar para satisfazer a necessidade corporal da droga se unia ao ódio cada vez mais crescente contra uma sociedade injusta olhando para onde fosse. Inconsciência consciente porque a pessoa nunca deixa de ter consciência do horror em que vive e da sociedade em que sobrevive. Anos de viagem sem rumo, sem interesse, sem objetivos, sem leituras... perseguindo todo o imaginário de ídolos nos quais possa refletir a perda de sentido da vida e o ganho de uma sabedoria ignorante do sentido da vida... Anos (meses) psicodélicos em que o sujeito pretende conhecer-se a si mesmo e não vê

mais que glóbulos vermelhos pedindo a gritos o alimento diário de seringas e azeites alucinógenos... Anos (meses) psicodélicos porque recorda em todo o momento que vai morrer, que você pode morrer, que o está matando e que, por muito, que esteja debaixo do Partenon ou tomando ar fresco na sombra de Santa Sofia ou estimulado por pedintes (que têm ainda menos que você), seja na esplanada de Agra, seja nas muralhas de Marrakech, seja vislumbrando de longe o mistério argelino do mercado em Ghardaia em plena Pentápolis do M'Zab... seja sentado ao redor de algum guru budista que disse que é budista e que todos devemos ser budistas para viver sem vento, no lugar sem vento, no nirvana... seja onde seja ou perdido onde o tenha perdido sabe, sem dúvida alguma, que por esses caminhos sem sentido (ou sem vento) só o espera a morte escondida atrás de alguma palmeira de M'hamid ao sul de Marrocos ou confundida com turistas em alguma barcaça do Sena ou sentada ao seu lado em um *coffee shop* de Amsterdã ou saudando-o contente ao haver perdido o *ferry* que sai do porto de Helsinque e vai se desvanecendo na neblina das águas geladas e inquietas do norte...

4. ...e o vento. O vento gelado e invisível que matava. Ninguém sabia que a ameaça da morte circulava pelas seringas. Só se contavam as histórias deste ou daquele que havia morrido pesando só um pouco mais de trinta quilos. E o monstro que chupa as defesas crivando sobre nossas veias sua vingança por haver querido voltar ao paraíso, por haver buscado o cominho a Ixtlán, por odiar o farelo e adorar a especiaria das dunas que converte os olhos em mares azuis saudosos de liberdade. Uns morriam e outros se davam conta, pouco a pouco, de que os caminhos não são os mesmos para todos. Santos decidiu viajar montado sobre sua velha Ducati. O pior foi sair da Península Ibérica: em cada cidade volviam as tentações de acariciar o lombo do monstro. Mas não. Atravessando as infinitas curvas das montanhas italianas. Sentado, assombrado, na sombra do muro que separava as pessoas pelos interesses dos mesmos de sempre. Trabalhando aqui e lá. Conhecendo na própria carne a exploração e a baixezinha em que podem afundar o ser humano. E, sobretudo, amando aquela moça cujo cabelo flutuava por cima do azul do Mar Mediterrâneo e, farto já de haver perdido a senda do sentido da vida, voltar à cidade, já mudado, já maduro, já curado, já conhecedor de que o paraíso havia ficado para trás, agarrado, como uma rede de pescador, na cabeleira daquela mulherzinha e disposto a retomar "the sense of life". Curado da busca de paraísos artificiais. Mas sem esquecer nunca o personagem de sua infância, o valente Tommy Joad e sua entrega pelos direitos de seus irmãos e de seus iguais. O rapazinho voltava em sua já meio morta Ducati pelas estradas intermináveis e queimadas da Mancha. Seus olhos deixavam sair lágrimas

negras pelas quais resvalavam os desejos do ideal. Mas no seu rosto se instalava alguma certeza. Tommy Joad tinha que triunfar e não só no milagre do consumo, senão na luta pela vida, pela liberdade, pela justiça, pela organização, pela força e potência confrontadas com a opressão, os privilégios e todos os formalismos que só permitiam reivindicar o que era fundamental para o sistema que assassinava os Joad, que perseguia os bandoleiros, que obrigava a fugir de sua casa um Gerard Depardieu por haver feito justiça em pleno início do *novecento*³ e eu que sei quantas barbaridades mais. Em um de seus bolsos, queimava-lhe o livro de Frantz Fanon sobre os condenados da terra e em seu coração viviam as palavras de Ulrike Mainhof, essa mulher que fez tremer de terror a polícia de uma Alemanha dedicada já a converter-se no centro econômico dessa merda que chamavam a Europa unida. Ulrike denunciava essa feroz agressividade para a qual não há válvula alguma salvo a de viver em câmera lenta o desaparecimento dos ideais pelos quais se lutava... morrer na cela de castigo... morrer por lutar equivocando-se os meios... eles sempre têm mais armas e, ademais, gozam a legitimidade que lhes outorga o assentimento do resto de milhões de rostos que só desejam viver suas vidas em paz e deixar-se já de experimentos anarquistas, comunistas, socialistas, fourieristas... Medo. Dor. Suicídios. Arrepêditos. Lutas operárias e operários em meio do grande projeto da Europa unida. Que fazer? Na Ducati claudicante o rapazinho, já amadurecido, sonhava em recuperar o estudo, a construção de um espaço próprio livre e de liberação pessoal e, deixando crescer o cabelo, foi cortando as asas dos paraísos impossíveis e, engolindo os sapos e cobras do sistema universitário, conseguir um pequeno recanto donde seguir depois da barricada e comunicar a Tommy Joad que ele tinha razão, que não era o vento o culpado do despejo de sua família, que havia interesses poderosos que ansiavam apoderar-se de tudo e convertê-lo em uma mercadoria... Uma mercadoria! Como converter a vida, a história, o ar, o amor... em uma mercadoria? Fácil, diziam os professores que liam fascinados o que os funcionários do sistema das suas prestigiosas cátedras escreviam. Fácil, diziam os políticos, aqueles de quem sempre o rapazinho havia desconfiado. Tudo pode comprar-se ou vender-se. E, se há algo que não pode ser trágico pelo mercado, então coloquemo-lo para além dos padrões, mas também dos *Tommy Joads* do mundo. Nem para uns. Nem para outros. As mercadorias se convertiam em direitos e azar daqueles que não podem exercê-los! Desse modo, o já não tão jovem motociclista foi amadurecendo, amadurecendo até que encontrou a oportunidade de gestar algo por si mesmo e desde aí seguir vingando Tommy Joad, o penitente,⁴ os

³ 1900, de Bernardo Bertolucci (1976) - NT

⁴ Traduzido por aproximação do termo “esclavizado viernes”, no original.

“miseráveis”, os que nem sequer têm em sua cabeça a palavra propriedade, os que não se satisfaziam com o lugar aonde as inércias da vida os iam levando...

5. E, agora, vivendo os momentos prévios a uma grave intervenção cirúrgica no coração, o já maduro menino débil que não entendia o que ocorria na época da grande depressão escreve estas linhas como testemunho de sua vontade. Como um testamento pelo qual quer, de novo ingenuamente, entregar o testemunho para que os pequenos espaços construídos a partir da luta e para a luta a favor dos excluídos sigam adiante. A universidade deve servir para algo mais que para discutir este ou aquele parágrafo de algum filósofo entregue à lógica da única linguagem que entende: a linguagem da dominação. A universidade deve servir para algo mais que para dar refúgio aos que querem dividir o mundo entre os cidadãos, esses gnomos passivos que obedecem e podem ser reconduzidos ao redil quando por alguma razão se desviam da linha correta e os inimigos, aqueles que não se conformam com que se encerrem e se expulsem os que vêm pedindo trabalho e cidadania, aqueles que ocupam as casas e os edifícios que o mercado considera de pouco valor e que eles convertem em ilhas de liberdade, de amor e de riqueza humana, aqueles que seguem mostrando desconfiança pelas leis e associações que protegem a privatização das idéias, aqueles que se penduram em pontes para protestar, não só pela extinção das baleias, senão, assim mesmo, por alguma reunião de poderosos que se juntam para assentar as bases de novos assassinatos e novos genocídios legitimados pelos “amigos”... A universidade deve seguir sendo a casa dos que lutam por aumentar as garantias que aqueles que trabalham por conta alheia nunca poderiam esquecer. A universidade deve ser o lugar onde esses “inimigos” tenham pelo menos um espaço de amizade, de companheirismo, de pensamentos livres e atrevidos e ousados e subversivos. Essa barricada, quisera legá-la aos inimigos desse sistema castrador de mentes, de asas, de vontade de ser *ícaros* que não se conformam com voar pelo “justo meio”. Uma pequena, minúscula, humilde barricada para nos reunir com as pessoas humilhadas e ofendidas pelos professores de lógica e os açambarcadores de títulos que não vêem mais que o que têm diante de seus atrofiados narizes. E quero que Dulce Martín Torcecki organize estes fragmentos escritos em meio do medo e que faça o que quiser com as paredes da casa que os dois chamamos Babilônia. E quero que Carol Proner veja que a barricada pode servir para algo em um mundo cheio de campos de batalha e reorganize os meios que andam por aí dispersos. E quero que Xixo saque uns minutos de suas múltiplas obrigações e nunca deixe de recordar ao mundo que ele foi um dos primeiros a construir a barricada. E quero que Marcelo, meu grande amigo, ajude Dulce a limpar

Babilônia de qualquer excesso de estímulos e plante árvores por meio mundo e que, em cada ramo e em cada raiz e em cada flor, coloque uma recordação dessas aventuras que temos percorrido juntos. E quero que Vicente siga sendo o que é, um grande amigo de seus amigos e um companheiro fiel na construção de outros espaços nos quais as pessoas que ambos queremos e amamos possam atravessar com a cabeça erguida.